

# O mito cervantino erigido e as quimeras de Policarpo Quaresma: possíveis interseções literárias

---

## *The Founded Cervantine Myth and Policarpo Quaresma's Chimeras: Possible Literary Intersections*

6

---

Cinthia Mara Cecato da Silva\*  
Prefeitura Municipal de Colatina - PMC

Wilberth Salgueiro\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

**RESUMO:** Este texto tem como proposta argumentativa uma possível associação da personagem barretiana Policarpo Quaresma com a propagação do mito quixotesco erigido nas entrelinhas do *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. A construção de quadros ilusórios, aproxima os protagonistas criando interseções que ajudam a pavimentar a universalidade da obra espanhola, considerada como o romance primeiro. Na fortuna crítica de Lima Barreto, há registros concretos dessa relação, que traz de forma explícita referências que comprovam o quanto de Quixote há em Quaresma. Intenta-se,

---

\* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes. Bolsista da Capes.

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Pesquisador do CNPq.

sobretudo, expor considerações de pesquisadores como Maria Augusta da Costa Vieira, Caio Prado Junior, Francisco de Assis Barbosa, Antônio Arnoni Prado, dentre outros, que endossem o parecer aqui discutido: pontos de contato entre as duas obras ultrapassam a mera rede intertextual praticada na produção literária e constituem, mais que algo fantasioso, uma forma lúcida de enxergar o que é o real.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mito quixotesco. Loucura. Policarpo Quaresma.

**ABSTRACT:** The argumentative purpose of this text is a possible association of the barretiana character Policarpo Quaresma with the spread of the quixotic myth created in between the lines of *El ingenious hidalgo Don Quixote de la Mancha* by Miguel de Cervantes. The construction of illusory frameworks approaches the protagonists creating intersections that help pave the universality of the Spanish work, regarded as the first novel. In the critical fortune of Lima Barreto there are concrete records of this relationship, which brings explicitly references that prove how much Quixote there is in Quaresma. Intends, above all, exposing considerations of researchers as Maria Augusta da Costa Vieira, Caio Prado Junior, Francisco de Assis Barbosa, Antonio Arnoni Prado, among others, that endorse the opinion discussed here: points of contact between the two works transcend the mere intertextual network practiced in literature and are, more than something fanciful, a lucid way of seeing what is real.

**KEYWORDS:** Quixotic Myth. Madness. Policarpo Quaresma.

Desde que el *Quijote* apareció impreso y a la disposición de quien lo tomara en mano y lo leyese, el *Quijote* no es de Cervantes, sino de todos los que lo lean y lo sientan.

Miguel de Unamuno

A tradição de la Mancha, na figura de Dom Quixote, teve seu início em um período de grandes inovações na ficção espanhola. Escrito por Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) e tendo como título original *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*, teve sua primeira edição publicada em Madrid, no ano de 1605. A obra marcou o início do romance moderno e o nascimento do mito quixotesco, expressão utilizada para fazer referência às atitudes romantizadas e deslocadas da realidade praticadas pelo protagonista.

Seus efeitos, porém, são de projeções caleidoscópicas, pois sobrevivem de forma universal em um leque de textos de enquadramento artístico.

Parodiando os romances batizados como de cavalaria, o enredo de 126 capítulos divididos em duas partes discorre sobre um protagonista que se entrega à leitura dessas novelas, perdendo a noção da realidade. A partir de suas projeções, pautadas nos livros lidos, excursiona mundo afora na companhia do pângaré Rocinante e de Sancho Pança, seu fiel escudeiro, a fim de fazer o bem e salvar donzelas em perigo. Tal como um marco para o fim dos romances de cavalaria ou como o início da era do romance, tornou-se uma obra-parâmetro que mescla deleite e reflexão, sendo tida como uma das mais conhecidas pelo lado ocidental do mundo.

Comentar a grandiosidade dessa publicação do século XVII implica considerar a gama de interpretações a ela associadas, no bojo de diferentes culturas. Mesmo com a alcunha de clássica, é arte aberta, permitindo a reinvenção a cada nova leitura, produzindo efeitos de sentido sem endereços fixos, sem amarras históricas, sem o vício diacrônico. Como atesta Ana Aparecida Teixeira da Cruz:

Além de Quixote servir de fonte inspiradora para artistas e escritores, também surgiram, no decorrer dos anos, diversos estudos críticos, sob diferentes perspectivas, a fim de revelar os mais variados tipos de interpretação relativos à obra de Cervantes. É justamente por meio desses estudos que se pode tomar conhecimento da visão que cada período histórico, literário e cultural cultivou a respeito de Quixote (2009, p. 24).

No que tange à genialidade da obra de espectro aberto, a pesquisadora Maria Augusta da Costa Vieira tece considerações que alocam a publicação em um lugar de destaque e, além disso, a projeta no contemporâneo: “[...] Quixote - objeto privilegiado para o estudo filológico, estilístico e histórico, ao mesmo tempo se mostra extremamente permeável às questões mais contemporâneas,

tocando de modo particular nas fibras do leitor moderno” (VIEIRA, 2014). Para ela, nesse mesmo quadrante de reflexão, o alcance do enredo pode ser apurado pela quantidade de criações que recuperam as imagens do cavaleiro andante e de seu fiel escudeiro. No seu propósito de pesquisa, destaca que, além do texto literário, a obra traz em seu bojo a criação de um mito que, muitas vezes, ultrapassa o reconhecimento da obra. Essa associação pauta-se nos aspectos temáticos e nas conexões entre história e ficção, além do aspecto da linguagem e da composição. O vínculo também pode ocorrer na tessitura, no modo de narrar a história. Quanto à abordagem do mito em detrimento ao texto literário, Maria Augusta Vieira comenta:

Constata-se que no caso da obra cervantina, o texto literário acabou criando um mito que na realidade se difundiu muito mais do que propriamente a obra, constituindo desse modo um percurso algo particular: uma obra literária que gerou um mito. [...] Ainda em relação ao mito quixotesco é importante considerar que o ímpeto que orienta a ação de Dom Quixote tem sua origem nos livros de cavalaria e baseia-se sobretudo na convicção de ser capaz como cavaleiro de transformar o mundo, de modo que seu projeto pessoal redunde num benefício social (VIEIRA, 2014).

O reflexo desse mito nas terras brasileiras traz à cena o escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) e seu Policarpo Quaresma, protagonista do livro *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915). Tal como um Quixote, a personagem embebida em leituras de teor ufanista, projeta situações que ultrapassam a realidade vivenciada por seus convivas. Escrito em apenas dois meses e meio, de janeiro a março de 1911, conforme pesquisa do biógrafo Francisco de Assis Barbosa, o texto literário foi publicado primeiramente em folhetins<sup>1</sup>, na edição da tarde do *Jornal do Commercio*, e

---

<sup>1</sup> Na dimensão folhetinesca, é interessante pensar que Lima Barreto, ao escrever nesse formato, baseava-se na tradição de uma literatura comprometida com o popular, com a clareza das formas, com a simplicidade do dizer. Logo, mais do que atribuir significados, cabe aos textos barretianos escritos na forma de folhetim também informar e atualizar o público urbano, numa rapidez dialógica com o cotidiano, fato que cria um efeito moderno de escrita, ao ampliar a capacidade de significações da leitura por parte dos novos leitores (MEYER, 1996).

só depois lançado compactamente como livro, nos fins de 1915. Considerada a sua obra célebre, vislumbra-se na arquitetura de seu enredo o Lima Barreto pensador, intelectual, crítico, militante e mentor de um protagonista que se equilibra entre a vida e a morte, a glória e a tragédia, num registro que percorre a projeção de uma pátria ufanista e a desconstrução da imagem de um país pautado em uma ótica ilusionista. O seu ímpeto criador projeta-se na descrição de quadros que revelam, ao mesmo tempo, poesia e realidade transfigurada:

Trabalhou-o com paixão, entregando-se por inteiro à sua composição, vertiginosamente, como se estivesse em transe. [...]. Quanto mais depressa a mão trêmula ia grafando os caracteres, melhor saía a composição. Parecia dominado por uma força misteriosa, que o impossibilitava de interromper por um dia sequer o mágico processo da elaboração mental, exigindo a comunicação instantânea do pensamento para o papel (BARBOSA, 1964, p. 64).

Por meio de alternados recursos do humor, o autor projeta em *Triste fim de Policarpo Quaresma* a desconstrução da imagem de um Brasil romantizado, preenchido de adornos que turvam seu retrato mais próximo. Ao propiciar no leitor o impacto entre o real e o irreal projetado, essa narrativa ficcional de Lima Barreto põe em evidência os contrastes que serviram de base para a sociedade à época com seus ecos na contemporaneidade. A proposta da fabulação em dois planos é analisada por Antônio Arnoni Prado:

O resultado é que a oposição clássico/popular deixa uma vez mais de ser trabalhada como redução contrastiva, para cindir a fabulação em dois planos que se complementam à proporção que penetram no contexto mais amplo da crise do velho: o plano da contestação ideológica da ordem em crise e o plano da sua obsessão visionária pela ruptura, que fixam - para retomar aqui a distinção de um crítico - o choque entre o real e o irreal e alargam o descompasso entre o lugar social do romance e as regras excessivamente convencionais do sistema (PRADO, 1989, p. 29).

Ao visitar o contexto histórico-literário do Brasil entre o final do século XIX e o início do XX, observam-se muitas nuances que conduzem a perceber que o país, ao tentar criar a sua própria identidade nacional, aproxima-se de outras literaturas, como a francesa e a espanhola, incluindo o modelo externo vindo de Portugal. Foi nesse ínterim, que o romancista carioca firmou, por meio de suas leituras, relação com a obra de Miguel de Cervantes. A admiração pela obra do escritor espanhol era tanta que nos registros de sua biografia, escrita por Francisco de Assis Barbosa, encontra-se a seguinte afirmação: “[...] por o aproximarem, num assombro de admiração, a Cervantes, vendo na figura de Policarpo Quaresma nada mais nada menos que a encarnação brasileira de D. Quixote de la Mancha” (BARBOSA, 1975, p. 238-239).

Observações sobre as interseções entre Dom Quixote e Policarpo Quaresma estão, de forma concreta, presentes na fortuna crítica de Lima Barreto. A primeira comparação entre as duas personagens foi feita em 1916, quase um ano após a publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma* em volume. Essa referência se verifica no artigo “Policarpo Quaresma”<sup>2</sup>, de Oliveira Lima. Além de tecer comparações favoráveis à qualidade da obra, o texto dá ênfase à percepção visionária dos protagonistas:

Entretanto o Major Quaresma viverá na tradição, como um Dom Quixote nacional. Ambos são tipos otimistas incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terapêuticas, que é a aplicação da justiça da qual um e outro arvoravam paladinos. Um levou sovas por querer proteger os fracos; o outro foi fuzilado por querer na sua bondade salvar inocentes. Visionários ambos: assim tratou o marechal de ferro o seu amigo Quaresma e trataria Dom Quixote, se houvesse lido Cervantes (LIMA, 1997, p. 422).

---

<sup>2</sup> Publicado, pela primeira vez, em *O Estado de São Paulo*, de 13 de novembro de 1916, por ocasião do aparecimento da 1ª edição em livro. Republicado como Prefácio da edição das *Obras completas* (São Paulo: Brasiliense, 1956).

As ideias contidas nesse excerto notificam, a partir da visão romântica, um paralelismo pungente entre as duas personagens. Apesar do contexto histórico diferente, percebe-se que como Quixote, Policarpo constrói quadros ilusórios - aquele talvez querendo dar à Espanha os ares de glória tão presentes no Século de Ouro; esse, sugerindo a solução de problemas para o contexto político-social brasileiro. A imagem de Dom Quixote é projetada em Policarpo pelo viés idealista - ele acredita fielmente na resolução dos problemas sociais por meio da justiça e do enfrentamento do sofrimento humano. Dentro dessa perspectiva, o Major, com o intuito de ajudar a melhorar o seu país sugere propostas táticas ao presidente Floriano Peixoto. Além de um relatório escrito, Policarpo profere conselhos, conforme o enredo:

- Vê Vossa Excelência como é fácil erguer este país. Desde que se cortem todos aqueles empecilhos que eu aponte, no memorial que Vossa Excelência teve a bondade de ler; desde que se corrijam os erros de uma legislação defeituosa e inadaptável às condições do país, Vossa Excelência verá que tudo isto muda, que, em vez de tributários, ficaremos com a nossa independência feita... Se Vossa Excelência quisesse... (BARRETO, 1997, p. 213).

As propostas do funcionário amanuense demonstram o ímpeto do projeto com prerrogativas sociais. Sua intenção é apontar os caminhos que deem à nação um ambiente mais humanitário, que se distancie das práticas estrangeiras preteridas no período da instalação da República. Apesar da coerência das argumentações, elas só seriam realizáveis no plano mental da personagem. A fonte das referências de onde tirara suas conclusões são as leituras proferidas durante sua existência e que deram a ele uma noção livresca e não real do funcionamento do Brasil.

Outro texto de relevância para ratificar a presença do mito quixotesco na obra de Lima Barreto é o do historiador Caio Prado Junior, intitulado Lima Barreto sentiu o Brasil. Nele há considerações que pavimentam a proposta argumentativa desse artigo que é apontar as semelhanças do ideário

cervantista ilustrado em Quixote e o ufanismo utópico ironizado por Lima Barreto.

Não faltam em Policarpo Quaresma os traços do D. Quixote, no bom sentido: o idealista às voltas com as duras contingências da vida real. Aquela aventura agrícola do nosso herói num sítio dos arredores do Rio de Janeiro, onde fracassa o seu idealismo pelas dificuldades da venda dos produtos, pela ação das formigas e do fisco, é uma transposição, em termos modernos e brasileiros, das melhores façanhas do herói de Cervantes (PRADO JUNIOR, 1997, p. 438).

Vê-se que o autor do trecho destacado considera a intersecção das obras como uma transposição das façanhas do herói cervantino para a ufanista personagem barretiana. As ações das personagens se distanciavam da realidade, como anteriormente exposto. Em que termos pode-se aventar essa hipótese? Considerar a loucura como viés de reflexão é trazer à baila o julgamento a que foram sujeitados Quixote e Quaresma. Estavam loucos e a responsabilidade de tal patologia eram os livros. A questão da loucura aqui em discussão não tem como propósito apresentar uma definição científico-psicanalítica para o referido tema, uma vez que o foco aqui é uma análise literária. Além desse pressuposto, considera-se que apesar da temática universal, a loucura tem percepções diferentes vincadas às culturas e às épocas<sup>3</sup>. Como assevera Ana Aparecida Teixeira da Cruz:

É importante ter em mente que cada época, cada cultura entendeu ou entende a loucura e o louco de uma determinada maneira, basta acompanhar a história das mentalidades para perceber que há distintas formas de se pensar sobre a loucura, a qual é considerada como um dos maiores enigmas humanos (CRUZ, 2009, p. 18).

No caso da “loucura” de Major Policarpo Quaresma, em suas diversas fases de estudo do Brasil, há o desejo a um retorno progressivo à origem a partir de

---

<sup>3</sup> O intento deste texto não é abarcar a questão da loucura na esfera psicanalítica. O foco, na verdade, centra-se nas questões interseccionais entre as principais personagens das obras em recorte, como mencionado no corpo do texto.

um resgate meticuloso baseado em pesquisas e leituras. Para fazer uma conexão com a obra cervantina nesse aspecto, há um paralelo bastante elucidativo acerca da comparação da “loucura” das duas personagens no texto de M. Cavalcanti Proença:

**Na verdade o paralelo se impõe.** Cervantes utilizou a técnica do romance de cavalaria e Dom Quixote acreditava em Amadis de Gaula, em Palmeirim de Inglaterra, a ponto de transmitir a própria crença a Sancho Pança. Este logo se desengana, mas o fidalgo persiste fanático, graças ao parafuso de menos que lhe transforma as derrotas em gloriosas vitórias. Major Policarpo acredita em Rocha Pita, nos cronistas do El-Dorado, a começar pelo escriba da descoberta. Acredita na lavoura e a saúva a destrói, acredita em governo forte e acaba esmagado por ele. Sua inofensiva mania nacionalista procura reunir um patrimônio de símbolos: na música, no violão, e ele toma aulas, a língua deve ser o tupi, e ele se põe a traduzir ofícios para a fala dos índios, com muito espanto e indignação dos canais competentes. **Nesse ponto, a loucura mansa fica evidente** (PROENÇA, 1997, p. 483, grifos nossos).

Assim como em Dom Quixote, há a presença de uma biblioteca, responsável pelo delírio a que o protagonista sucumbe, como registra Kahn: “Com efeito, aproximadamente três séculos mais tarde o tema do julgamento da biblioteca como causa da loucura é retomado no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto” (KHAN, 2008, [s.n.]).

Existe no enredo da obra de Cervantes, aqui mencionada para termos comparativos, um capítulo que narra o escrutínio da biblioteca de Quixote, considerada nociva a sua sanidade. Esse julgamento parte de seus amigos mais próximos, que antes de destruírem o acervo, resolvem avaliar o seu conteúdo num painel que traz à tona as práticas inquisitórias. Tendo como réus os livros, os participantes dessa ação representam, indiretamente, os segmentos sociais da época. Além da sobrinha do fidalgo, estão presentes os seus amigos próximos na figura do cura e do barbeiro da aldeia. Nesse júri, cabe a todos proferirem inferências sobre a condenação da biblioteca que vinha alimentando o imaginário de Quixote. A narração do episódio encontra-se no

capítulo sexto do livro de Cervantes e tem como título *Del donoso y grande escrutinio que el cura y el barbero hicieron en la librería de nuestro ingenioso Hidalgo*. A transcrição de um trecho possibilita a projeção da cena:

[...] mandó al barbero que le fuese dando de aquellos libros uno a uno, para ver de qué trataban, pues podía ser hallar algunos que no mereciesen castigo de fuego. No, dijo la sobrina, no hay para qué perdonar a ninguno, porque todos han sido los dañadores, mejor será arrojarlos por las ventanas al patio, y hacer un rimerero de ellos, y pegarles fuego, y si no, llevarlos al corral, y allí se hará la hoguera, y no ofenderá el humo. Lo mismo dijo el ama: tal era la gana que las dos tenían de la muerte de aquellos inocentes; mas el cura no vino en ello sin primero leer siquiera los títulos (CERVANTES, 2002, p. 97-98).

Também em *Triste fim de Policarpo Quaresma* consta um episódio que responsabiliza as leituras de Quaresma como a causa de suas atitudes. Esse recorte confirma a gênese atribuída à loucura da personagem. Sobre o leigo diagnóstico de loucura a que Quaresma foi submetido, tem-se o episódio:

15

- O Quaresma está doído.
- Mas... o quê? Quem foi que te disse?
- Aquele homem do violão. Já está na casa de saúde.
- Eu logo vi, disse Albernaz, aquele requerimento era de doído.
- Mas não é só, general, acrescentou Genelício. Fez um ofício em tupi e mandou ao ministro.
- É o que eu dizia, fez Albernaz.
- Que é? Perguntou Florêncio (BARRETO, 1994, p. 78).

Existe uma conclusão de único tom na cena descrita acerca de seu disparate:

- Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores, observou Sigismundo.
- Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título "acadêmico" ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?
- Decerto, disse Albernaz.
- Decerto, fez Caldas.
- Decerto, disse também Sigismundo (BARRETO, 1994, p. 78).

A sentença da loucura no âmbito ficcional permite uma breve excursão sobre a sanidade ideológica do autor de *Clara dos Anjos*. Na construção da trama, a projeção do real *versus* irreal recebe o timbre de estratégia narrativa e aloca *Triste fim de Policarpo Quaresma* numa das grandes obras da literatura brasileira. A personagem central, Policarpo Quaresma, morador do estado fluminense da segunda metade do século XIX, caminhava na contramão da modernidade, enxergando o mundo ao seu redor e as suas mudanças de forma desencantada. Sua postura anticapitalista e anticosmopolista insere-se no contexto de transformações da sociedade, atreladas ao desenvolvimento do capitalismo mundial. Policarpo posiciona-se contra seus efeitos e repercussões que vão desde a invasão do mercado interno pelos produtos industriais ingleses e franceses até a dissolução e a remodelação dos modos de vida tradicionais, afetando ou deslocando as identidades culturais dos centros urbanos.

Pertencente a uma comunidade nacional imaginada e narrada por Lima Barreto, Policarpo, como representante de um nacionalismo exaltado e ingênuo, julgava-se, a partir de suas próprias reflexões patrióticas, capaz de lutar por reformas radicais na sociedade brasileira. Seus sentimentos cívicos manifestaram-se desde a juventude e fizeram-no aprender o violão, as modinhas e o folclore do país e também estudar os temas brasileiros de forma profícua, no desejo de solucionar os problemas da pátria:

Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio, fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas, o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apostar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa (BARRETO, 1994, p. 8).

A quixotesca personagem foi caracterizada como um homem de forte expressão subjetiva, apresentando-se em constante conflito com a realidade exterior. Imerso em um universo social em que as camadas letradas perseguiram, sobretudo, sua inserção num mundo de formas capitalistas mais avançadas, Policarpo, representava o contraste, o papel inverso que, por meio do texto literário, denunciava o ambiente falso vivenciado pelos burgueses.

Lendo sobre as riquezas nacionais do Brasil, sua história e sua geografia, além de obras literárias de autores unicamente nacionais ou tidos como tais - num momento em que nossos literatos eram vistos, por alguns, como tolos absorvidos pelas inspirações francesas - o major buscou adquirir maior conhecimento do Brasil. Frente ao anseio geral dos cariocas endinheirados de viajar à Europa, deixava evidente o seu desejo de percorrer as terras brasileiras.

Contraopondo-se aos costumes e usos europeizados que se generalizavam, lembrava-se de costumes antigos, carregados de originalidade, defendendo a adesão ao modo de vida de nossos silvícolas. Segundo ele, “[...] entre nós tudo é inconsistente, provisório, não dura [...]” (BARRETO, 1994, p. 17), não havendo registros da memória que lembrassem o passado. Nesse sentido, julgava ser necessário reagir, desenvolvendo o culto às tradições, mantendo-as sempre vivas na memória e nos costumes do povo.

Com essa ideologia, iniciou a organização de um sistema original de cerimônias, festas, cantigas e hábitos que abrangesse todos os momentos e ocasiões prescritos pelas relações sociais, baseando-se na vida dos selvagens. Dessa forma, cultivou contos e canções populares do Brasil, estudou os costumes tupinambás, passando a incorporar, em seu comportamento, as formas de expressão daqueles, como o hábito de chorar e berrar ao receber visitas, em vez de apertar a mão. Tudo isso inserido num programa voltado

para “[...] uma reforma, a emancipação de um povo [...]” (BARRETO, 1994, p. 17).

Ainda preocupado em definir a identidade nacional frente à internacionalização da cultura que se acreditava genuinamente brasileira, ocupou-se com a constituição linguística, requerendo ao Congresso Nacional decretar o tupi-guarani como língua oficial da pátria. Para ele, a língua de um país era a mais elevada manifestação da inteligência de uma nação, reveladora de originalidade. Portanto, na concepção de Policarpo, a emancipação do país só ocorreria em virtude de sua emancipação idiomática. Sob esse prisma, a língua portuguesa era vista como um empréstimo de Portugal ao Brasil, já o tupi-guarani, como língua original, pura. Não contaminada de galicismos, anglicismos, invadiria a pátria e se consolidaria como marca de sua nacionalidade autêntica.

Com base nessas ações, Quaresma foi demonstrando publicamente seu desconforto para com a realidade que no presente se configurava, levando-o a ser diagnosticado como louco, sendo internado, em decorrência disso, em um hospício - última novidade institucional advinda da Europa, vista como meio, por excelência, para o trato daqueles considerados doentes mentais. Invenção que foi amplamente usada para cercear e enclausurar diversos desviantes da ordem social, mesmo que não doentes, mas considerados como sofredores de uma “[...] inexplicável fuga do espírito daquilo que se supunha o real, para viver das aparências das coisas ou de aparências das mesmas” (BARRETO, 1994, p. 44). Seu internamento e sua loucura representavam, dentro desse contexto, o descompasso da visão de mundo que trazia em si e que norteava suas atitudes, expondo, por suas práticas, a sociedade imersa em valores e interesses privados.

Os dois planos projetados em *Triste fim de Policarpo Quaresma* revelam a estratégia discursiva do escritor, análise construída por Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo:

Neste romance, a narrativa das ações do protagonista se desenvolve por uma linha de interseção de planos contrastados: de um lado, a realidade explicada por um saber livresco, posição defendida por Quaresma, e, de outro, o senso prático, adotando os preconceitos incrustados no cotidiano dos outros personagens (FIGUEIREDO, 1995, p. 59).

O romance que narra a saga de Policarpo Quaresma, sob esse ângulo, permite vislumbrar o alcance do sentido de originalidade em que o autor se embasava. Afinal, ali ele reconhece a impossibilidade de um país de origem colonial construir plenamente sua originalidade, isto é, tornar-se completamente distinto da antiga metrópole. De seu interesse pelo violão em busca de uma expressão artística original proposta inicialmente, desloca-se até a busca pela origem do folclore - lendas, cantos, danças, anedotas do imaginário popular. O resultado de suas pesquisas lhe promoverá o encontro com tradições e canções estrangeiras na base formadora da origem brasileira: “Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras, o próprio ‘Tangolomango’ o era também. Tornava-se, portanto, preciso arranjar alguma coisa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares” (BARRETO, 1994, 21-22).

Com apoio na passagem extraída de *Triste fim de Policarpo Quaresma* em que Policarpo decepçiona-se com a origem de parte da cultura do país, e nesta outra extraída da obra *Impressões de Leitura*, em que Lima Barreto emite sua opinião a respeito da história da filosofia no Brasil: “[...] é que nós queremos criar, do pé para a mão, aquilo que outros povos levaram anos, séculos a elaborar [...]” (BARRETO, 1961, p. 213), pode-se afirmar que o conceito de

originalidade no qual Lima Barreto se baseava não excluía o legado europeu recebido até então, mas requeria a liberdade na busca de soluções distintas das apontadas pelas tendências literárias que vigoravam. O uso da ironia em sua obra parecia atender bem a essa necessidade, não no que tange à originalidade do recurso que não foi, obviamente, criado pela intelectualidade brasileira, mas como forma nova de abordar determinadas questões como o nacional, por exemplo, que até então recebiam tratamento sério e superior. Essa instância preconizada nos questionamentos entre o estrangeiro e o nacional também pode ser observada na passagem em que o narrador teatraliza a excessiva valorização por parte de Quaresma da cultura indígena como meio de encontrar a originalidade da incipiente pátria-Brasil:

Essa idéia levou-o a estudar os costumes tupinambás, [...].  
Desde dez dias que se entregava a essa árdua tarefa, quando (era domingo) lhe bateram à porta, em meio de seu trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha, pois eram eles, ficaram estupefatos no limiar da porta.  
- Mas que é isso, compadre?  
- Que é isso, Policarpo?  
- Mas, meu padrinho...  
Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade:  
- Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das coisas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão... Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás (BARRETO, 1994, p. 22).

Com essa caricatura do nacionalismo utópico, a personagem expõe nesse trecho uma exacerbação dos ideais patrióticos. Conforme o enredo da narrativa, devido a sua suposta insanidade constatada após o ato descabido, não são raras as comparações estabelecidas entre Policarpo Quaresma e Dom Quixote. Este, ao mergulhar no mundo das novelas de cavalaria, não conseguiu retornar à realidade e ensandeceu; já Quaresma, foi retirado da realidade por ter tido atitudes que destoavam dos hábitos sociais vigentes.

Embora tal comparação não seja impertinente, Policarpo Quaresma não se limita a ser cavaleiro da triste figura nacional, um sonhador ingênuo na luta inglória contra os moinhos de vento. É, antes de tudo, um cientista, dotado de racionalidade e de espírito sistemático, um pesquisador arguto, que busca confrontar os dados dos livros e compêndios da História oficial do Brasil com a realidade. Ao considerar esse paradoxo entre os dois “Brasis” - o formal e o real, a personagem estabelece inferências acerca do país a respeito da pátria, isento dos equívocos de intelectuais, cujas observações se assentavam em teorias importadas e eivadas de preconceitos.

Nesse sentido, uma apreciação mais detida de *Triste fim de Policarpo Quaresma* permite enxergar nitidamente essas projeções. Ao utilizar-se do humor como princípio estético estruturante, a ironia como estratégia de persuasão, como uma chave militante, conseguiu suplantar versões que questionam a identidade nacional e seus verdadeiros paradigmas.

As quimeras encontradas na descrição da trajetória de Policarpo Quaresma ao seu triste fim, com o paradigma em Dom Quixote, permitem inferir sobre uma concreta aproximação. Não com um olhar plagiador, mas “[...] no que concerne ao caráter visionário de ambos, ao seu lirismo e à pungência de suas aventuras” (GERMANO, 2000, p. 40) representando o efeito provocado por todas as inversões presentes na narrativa, capazes de fazer movimentar o leitor o ponto de questioná-lo sobre suas convicções, retirando-o da apatia cívica que cotidianamente o sucumbe.

O texto funde loucura e sanidade, emoção e julgamento, pranto e mofa, lágrimas e riso, compondo uma sátira com raízes fincadas na esfera crítica. Ler as obras em voga permite ao interlocutor apropriar-se de narrativas que, embora de culturas de geografia distintas, trazem em seu bojo questões universais. Seus ganhos literários ultrapassam o descrito na tessitura, uma vez que se apropriar do mito quixotesco torna-se um exercício crítico de

interpretação, tanto em Policarpo quanto em Dom Quixote. A loucura ganha, nesses casos, o *status* de estratégia lúcida.

## Referências:

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Impressões de Leitura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Scipione, 1994.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição Crítica. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*. Primeiro livro. Tradução de Sérgio Molina. Apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira. São Paulo: Editora 34, 2002.

CRUZ, Ana Aparecida Teixeira da. *Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de La Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pós-Graduação em Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. *O romance de Lima Barreto e sua recepção*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

GERMANO, Idilva Maria Pires. *Alegorias do Brasil: imagens de brasilidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

KHAN, Daniela Mercedes. *O julgamento da biblioteca no Quixote e Triste fim de Policarpo Quaresma*. In: ANAIS do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/anais//pdf//DANIELA\\_KAHN.pdf](http://www.abralic.org.br/anais//pdf//DANIELA_KAHN.pdf) Acesso em: 5 jun. 2014.

LIMA, M. de Oliveira. Policarpo Quaresma. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição Crítica. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Madri, Paris,

México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997.

MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PRADO JUNIOR, Caio. Lima Barreto sentiu o Brasil. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição Crítica. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Giros com eixo em Lima Barreto. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição Crítica. Coordenação de Antonio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997.

UNAMUNO, Miguel de. Sobre la lectura e interpretación del Quijote. In: \_\_\_\_\_. *Otros ensayos. Obras completas*. Edición de M. García Blanco. Madrid: Afrosidio Aguado, 1958. Tomo 1.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. *Escritura cervantina e mito quixotesco no romance brasileiro*. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/=2&uid=70&uid=4&sid=21107433>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Recebido em: 16 de outubro de 2015  
Aprovado em: 26 de janeiro de 2016